

De: Betina Leme <betina.leme@gmail.com>
Responder para: per_educa@yahoogrupos.com.br
Enviado: sexta-feira, 17 de novembro de 2006 13:52:14
Assunto: [per_educa] Observatório da Tortura

Matéria da Editoria:
Direitos Humanos
Agência Carta maior
17/11/2006

AVANÇO

Brasil pode ter Observatório da Tortura a partir de 2007

Promessa do Congresso Nacional, o Protocolo da ONU para o Combate à Tortura prevê a criação de um comitê supra-nacional e de uma entidade semelhante a um observatório para monitorar denúncias de maus-tratos e torturas.

Rafael Sampaio – Carta Maior

Data: 17/11/2006

SÃO PAULO - A tortura nas instituições prisionais de todo o país não é nenhuma novidade; trata-se de um problema que há décadas se arrasta no país sem que o Estado brasileiro consiga interromper tamanha violação de direitos. Um mecanismo legislativo internacional, no entanto, se aprovado pelo país, poderia contribuir na prevenção dessa prática. Adotado pela Organização das Nações Unidas há quatro anos, em dezembro de 2002, e assinado pelo Brasil em outubro de 2003, o Protocolo Facultativo da ONU para o Combate à Tortura prevê a criação de um órgão supra-nacional, formado pelos países que ratificaram seu conteúdo, que funcionaria como uma espécie de "Observatório da Tortura". Ou seja, seria um órgão ou instituto para monitorar as unidades prisionais em todo o país, sejam elas manicômios, prisões, delegacias ou unidades da Febem (Fundação do Bem-Estar do Menor).

"Esse órgão poderia entrar em qualquer unidade prisional sem autorização prévia dos governos estaduais", explica o coordenador da Comissão Permanente de Combate à Tortura do governo, Pedro Montenegro. Com atuação descentralizada, dividida de acordo com as regiões do país, o Observatório emitiria relatórios sobre as unidades de internação. Os documentos não seriam públicos, já que seu objetivo não é alardear os casos de tortura, "mas fazer avaliações internas sobre a situação de acomodação dos presos, a infra-estrutura do cárcere, apurar denúncias de maus-tratos e exigir que as instituições problemáticas passem por mudanças", explica Montenegro, que também é ouvidor da Secretaria Especial de Direitos Humanos.

Casos extremos, como aqueles em que a instituição prisional não modifica sua política de tortura, podem levar à divulgação. Mas a confidencialidade deve ser mantida até o último momento, porque será o que garantirá o caráter público do Observatório.

O órgão, quando criado, será composto por funcionários públicos contratados, como

forma de garantir a dedicação integral. Será uma instituição multidisciplinar, composta por médicos, psicólogos, promotores, enfermeiros, todos profissionais qualificados para lidar com os maus-tratos e as torturas.

Montenegro não se mostra intimidado com uma possível oposição a este órgão monitorador. "É esdrúxulo imaginar que algum governo associe a prevenção aos direitos humanos com 'direitos de bandidos', eu não posso conceber isso", afirma. Segundo ele, o Observatório visa a melhorar a administração penitenciária num âmbito nacional, e não prejudicá-la.

A espera do Congresso

A aprovação do Protocolo Facultativo para o Combate à Tortura aguarda a votação em plenário do Congresso Nacional, que nunca colocou o tema em sua pauta. Tanto o presidente da Câmara, deputado Aldo Rebelo (PCdoB-SP), quanto o presidente do Senado, senador Renan Calheiros (PMDB-AL), se comprometeram a votar o documento da ONU assim que a pauta do Congresso for "destrancada", ou seja, tão logo sejam avaliadas as medidas provisórias pendentes.

José de Jesus Filho, assessor jurídico da Pastoral Carcerária, espera que o Legislativo ratifique o documento até o começo de 2007. Reunidos em assembléia nesta terça-feira (14), os coordenadores da Pastoral Carcerária reforçaram seus compromissos com o combate à tortura e aos maus-tratos nos presídios. "A coordenação da entidade vai procurar pessoalmente os parlamentares para pedir a aprovação do protocolo", relata Jesus Filho.

Se for aprovado, o Protocolo terá status de emenda constitucional e virá acompanhado de uma política de Estado para a prevenção e o combate à tortura. Na opinião de Montenegro, a tortura é um problema tão grave quanto o das doenças para o Ministério da Saúde ou o da evasão escolar para o Ministério da Educação. O chamado Sub-Comitê de Prevenção à Tortura, no entanto, não pode mais contar com a participação do Brasil, pelo menos até 2008. "O Congresso Nacional deveria ter ratificado o documento neste mês de novembro para que o Brasil pudesse ingressar", explica o assessor jurídico da Pastoral Carcerária.

Combate à prática

Parte da dificuldade em se combater a prática da tortura pelos países decorre da dificuldade em se documentar, provar e qualificar a tortura, hoje modernizada e generalizada em todo o Brasil. "Onde não há denúncias, não significa que não haja tortura. Pode ser que haja o silêncio, o ocultamento", sentencia Montenegro.

O Ouvidor de Polícia do Estado de São Paulo, Antonio Funari Filho, informa que há 44 casos de tortura documentados desde o início de seu mandato, em junho de 2005. Há registros de lesão corporal causada por agentes penitenciários e de violência policial contra suspeitos que podem ser enquadrados como tortura. "A tortura é usada como método de investigação em São Paulo", afirma Funari.

Ele cita o caso de um rapaz, dono de uma oficina mecânica, que foi preso e torturado depois que policiais militares confundiram seu local de trabalho como um ponto de tráfico de drogas. "Queriam uma confissão. Esse caso me deixou preocupado", diz o Ouvidor de São Paulo. "Vejo, ainda, que uma parte da opinião pública considera normal existir tortura nas investigações", completa.

Funari também avalia a modernização da tortura. "Hoje existe a tortura psicológica, que não deixa marcas. Há casos de pessoas que ficaram transtornadas depois de serem submetidas à roleta-russa, por exemplo", diz ele. Há ainda uma falta de preparação dos institutos de perícia, que não trabalham em conjunto com o Instituto Médico-Legal (IML), responsável pelo exame de corpo de delito nas vítimas de violência, maus-tratos e tortura, tornando o processo de documentação ainda mais complexo.

De: Betina Leme <betina.leme@gmail.com>
Responder para: per_educa@yahoogrupos.com.br
Enviado: quinta-feira, 16 de novembro de 2006 16:57:45
Assunto: [per_educa] Lançamento de "64", livro de Fernanda Pompeu

Lançamento do livro "64" (Ed. Brasiliense), de Fernanda Pompeu.

Local: Livraria da Vila, 21 de novembro 2006, terça-feira, a partir das 18h30, piso superior.

Rua Fradique Coutinho, 915. Vila Madalena

64 conta sessenta e quatro histórias envolvendo situações em torno do golpe militar e seus anos subseqüentes. Há um pouco de tudo: personagens de direita, de centro, de esquerda e de esquerda volver. Há os culpados da hora e os inocentes de sempre. O livro é de ficção, mas a paisagem é histórica. Da forma como está escrito - sintético e direto - pode ser apreciado pelas novíssimas gerações. Gente que, felizmente, não faz idéia do que foi o Brasil sob os governos militares. No entanto, a sabedoria popular acerta, mais uma vez, ao dizer: é necessário saber para não repetir.

64 é bem-humorado e amargo ao mesmo tempo. Poderia ser diferente? Claro! Mas aí seria outro país, outra história, outra autora, outro livro.

A autora acrescentou no final do livro, uma cronologia relacionada aos eventos que se seguiram ao golpe de 64, bem como um " glossário" sobre uma série de termos muito empregados em política naquela época e em épocas posteriores. Isso tudo tornou o livro didático, facilitando sua utilização em escolas, além de proporcionar gostosa leitura.

Fernanda Pompeu nasceu no Rio de Janeiro. Mora em São Paulo há mais de três décadas. É roteirista, redatora e editora. Para a TV Cultura, escreveu alguns episódios da série Mundo da Lua. Para a Rádio Cultura-FM escreveu textos para experiências lítero-sonoras-musicais, entre elas, Quatro Estações. (...) Também é facilitadora de Oficinas de Redação. (...)

> Posted by Maria Teresa Aarão to [2]Estrela Rainha at 11/15/2006 04:28:00 PM
>

nicholas

Funch também avalia a modernização da tortura. "Hoje existe a tortura psicológica, não deixa marcas. Há casos de pessoas que ficaram transtornadas depois de serem submetidas à tortura-russa, por exemplo", diz ele. Há ainda uma falta de prestação dos institutos de pericia, que não trabalham em conjunto com o Instituto Médico-Legal (IML), responsável pelo exame de corpo de delito nas vítimas de violência, mas os fatos e torturas, tornando o processo de documentação ainda mais complexo.

De: Betina Leme <betina.leme@gmail.com>
Responder para: per_educa@yahoogrupos.com.br
Enviado: quinta-feira, 16 de novembro de 2006 16:27:45
Assunto: [per_educa] Lançamento de "64", livro de Fernanda Pompeu

Lançamento do livro "64" (Ed. Brasiliense), de Fernanda Pompeu.
Local: Livraria da Vila, 21 de novembro 2006, terça-feira, a partir das 18h30, piso superior.
Rua Fradique Coutinho, 912. Vila Madalena

64 conta sessenta e quatro histórias envolvendo situações em torno do golpe militar e seus anos subseqüentes. Há um pouco de tudo: personagens de direita, de centro, de esquerda e de esquerda voiver. Há os culpados da hora e os inocentes de sempre. O livro é de ficção, mas a paisagem é histórica. Os fatos como está escrito - sintético e direto - pode ser apreciado pelas novíssimas gerações. Gente que, felizmente, não faz idéia do que foi o Brasil sob os governos militares. No entanto, a sabedoria popular acerta, mais uma vez, ao dizer: é necessário saber para não repetir.

64 é bem-humorado e amargo ao mesmo tempo. Poderia ser diferente? Claro! Mas aí seria outro país, outra história, outra autora, outro livro.
A autora acrescentou no final do livro, uma cronologia relacionada aos eventos que se seguiram ao golpe de 64, bem como um "glossário" sobre uma série de termos muito empregados em política naquela época e em épocas posteriores. Isso tudo tornou o livro didático, facilitando sua utilização em escolas, além de proporcionar gostosa leitura.

Fernanda Pompeu nasceu no Rio de Janeiro. Mora em São Paulo há mais de três décadas. É roteirista, redatora e editora. Para a TV Cultura, escreveu alguns episódios da série Mundo da Lua. Para a Rádio Cultura-FM escreveu textos para experiências litero-sonoras-musicais, entre elas, Quatro Estações (...). Também é facilitadora de Oficinas de Redação (...).

< Posted by Maria Teresa Araújo to [2]Estrela Rainha at 11/12/2006 04:28:00 PM >